

A estilística na linguística de Joaquim Mattoso Câmara Jr.

ANDRÉ CONFORTE

UERJ, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

É consabida a contribuição do linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970) aos estudos estilísticos no Brasil, a par de toda a sua pioneira e imensa obra dedicada à linguística, a ponto de lhe caber, na visão de muitos, a antonomásia de “Pai da linguística brasileira”; seus estudos estilísticos, no entanto, são frequentemente tratados como se constituíssem uma área de interesse à parte na obra do linguista carioca. O objetivo deste artigo é tentar demonstrar que, para Câmara Jr., a faceta estilística da linguagem lhe era inerente, constitutiva, uma vez que, na medida em que ele tomava como ponto de partida para seus estudos sobre o estilo a concepção triádica de Karl Bühler sobre as funções da linguagem, tratava-se tão somente de reservar à estilística a função expressiva, em oposição à função representativa da linguagem. Para sustentar essa posição, apoiar-nos-emos nas considerações de Possenti (2005) e Uchôa (2004), pesquisadores que já se debruçaram com minúcia sobre a obra do autor de *Contribuição à Estilística Portuguesa*.

Palavras-chave: linguística; estilística; estilo; funções da linguagem; Joaquim Mattoso Câmara Jr.

ABSTRACT

The contribution of the Brazilian linguist Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970) to stylistic studies in Brazil is well known, along with all his pioneering and immense work dedicated to linguistics, to the point that, in the view of many, he is also known as the “father of Brazilian linguistics”; his studies on Stylistics, however, are often treated as if they constituted a separate area of interest in his works. The aim of this article is to try to demonstrate that, for Câmara Jr., the stylistic face of language was inherent, constitutive, because, once he took Bühler’s triadic conception on the functions of language as a starting point for his studies on style, it would be simply a matter of reserving the expressive function for stylistics, as opposed to the representative function of language. To support this position, we will rely on the considerations of Possenti (2005) and Uchôa (2004), researchers who have already looked in detail at the work of the author of *Contribuição à Estilística Portuguesa*.

Keywords: linguistics; stylistics; style; language functions; Joaquim Mattoso Câmara Jr.

1. INTRODUÇÃO

Em que pese seu inestimável e reconhecido papel na consolidação de uma abordagem verdadeiramente científica dos fatos linguísticos no Brasil, é sabido, igualmente, que Joaquim Mattoso Câmara Jr. dedicou uma considerável parte de seus escritos aos estudos estilísticos, dentre os quais se destaca sua *Contribuição à Estilística Portuguesa* (primeira edição em 1952), obra que, longe de constituir um ponto fora da curva na produção mattosiana, representou muito mais uma sistematização de concepções estilísticas que ele vinha desenvolvendo e que continuaria a desenvolver ao longo de sua carreira.

Este artigo pretende, contudo, demonstrar que seu interesse por esta área, ao contrário do que se poderia pensar, jamais constituiu um desvio, isto é, uma preocupação à parte em seus estudos linguísticos; na verdade, as discussões sobre o estilo e seu papel na linguagem como um todo já estão claramente postas nas primeiras páginas dos *Princípios de Linguística Geral*, cuja primeira edição data de 1941, o que demonstra, a nosso ver, de maneira muito transparente, que língua e estilo não são compartimentos autônomos no conjunto de concepções elaboradas pelo chamado Pai da Linguística Brasileira, como é indicado por outros linguistas, como Possenti (2005), que buscaram entender em que contexto e de quais perspectivas a estilística era tratada nas obras de Câmara Jr.

A observação de seus escritos, assim como dos escritos sobre suas obras (POSSENTI, 2005; UCHÔA, 2004), nos conduzem à conclusão de que a Estilística, na obra de Joaquim Mattoso Câmara Jr. deve ser tratada não como um apêndice ou como um interesse paralelo do autor dos *Princípios de Linguística Geral*, mas sim como um elemento constitutivo de suas formulações teóricas sobre a linguagem.

2. ESTILO E ESTILÍSTICA NO DICIONÁRIO DE CÂMARA JR.

No *Dicionário de Linguística e Gramática* (CÂMARA JR., 1981, p. 110), o verbete *estilo* apresenta a seguinte definição:

ESTILO: *Lato sensu*, a maneira típica por que nos exprimimos linguisticamente, individualizando-nos em função da nossa linguagem. Para isso, fazemos uma “aplicação metódica dos elementos que a língua ministra” (Leo Spitzer), procedendo a uma escolha entre as possibilidades de expressão que se apresentam na língua (Marouzeau, 1943, 160). *Stricto sensu*, porém, essa caracterização decorre, antes de tudo, do nosso impulso emotivo e do propósito claro ou subconsciente de sugestionar o próximo: “por um lado, uma projeção cabal dessa emoção na coisa criada” (Murry, 1951, 39). Assim, o estudo do estilo é essencialmente matéria da estilística. Quando um indivíduo se caracteriza permanentemente por traços gramaticais excepcionais, que não carregam um intento de expressividade, isto é, não visam a manifestar ou transmitir emoção, não se têm atos de estilo mas idioleto [...].

No desenvolvimento do mesmo verbete, o autor reconhece que o estilo é, “principalmente, importante, na linguagem literária” pelo fato de que, nesse domínio, “os processos estilísticos se acham a serviço de uma psique mais rica e especialmente educada para o objetivo de exteriorizar-se”, de modo que esse impulso acaba por levar ao “desrespeito à norma linguística”, principalmente no que respeita à sintaxe e ao vocabulário. Por fim, lembra que o estilo “em grande parte depende da intenção da obra”, entre outras considerações (*ibid.*, p. 111).

Já o verbete *Estilística* assim define esse ramo de estudos:

ESTILÍSTICA: Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar. Distingue-se, portanto, da gramática, que estuda as formas linguísticas na sua função de estabelecerem a compreensão na comunicação linguística. A distinção entre a estilística e a gramática está assim em que a primeira considera a linguagem afetiva, ao passo que a segunda analisa a linguagem intelectual [...]. (CÂMARA JR., 1981, p. 110).

É importante observar, antes de tudo, que o autor do *Dicionário* considera um sentido amplo e um sentido restrito para a noção de estilo, e entende, a nosso ver, que compete à Estilística estudar o estilo na sua segunda acepção, uma vez que vinculada a uma das três funções da linguagem proposta por Karl Bühler, cuja teoria, como veremos, é o ponto de partida para as formulações teóricas de Câmara Jr.

Cabe ainda observar que os verbetes acima já trazem, em essência, o pensamento estilístico do autor, que, é claro, o desenvolverá de forma bem mais detalhada e clara em sua obra teórica.

Por fim, a propósito da distinção feita no primeiro verbete entre o fato estilístico propriamente dito e o idioleto, cabe citar as considerações de Possenti (2005, p. 82), que, entre outras conclusões acerca das concepções estilísticas de Câmara Jr., depreende que, para o linguista carioca, “idiossincrasia não é estilo”, e ilustra sua tese com um exemplo retirado dos *Ensaio Machadianos* (CÂMARA JR., 1962):

Há estilo, por exemplo, em “ele pegou nada, ergueu nada, e cingiu nada” (Machado, *Quincas Borba*), mas não na acentuação da preposição *a* em Alencar. O que caracteriza o primeiro caso é que, por um lado, não se trata de uma construção exclusiva nem característica de Machado de Assis, e, por outro, neste contexto específico, “há no emprego um valor estético, fazendo-nos ver dolorosamente o gesto inane do pobre louco, mercê do tratamento de *nada* não como mera partícula negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*” (Câmara Jr., 1961a, p. 139). O segundo caso é apenas “um uso pessoal da língua literária [...], não um traço estilístico, pois se circunscreve ao domínio intelectual” (Câmara Jr., 1961a, p. 139-40). Não se trata de caso de estilo por duas razões, portanto: é apenas um uso pessoal e não há efeito expressivo, mas apenas representativo (POSSENTI, 2005, p. 82-83).

Citemos mais uma consideração de Possenti no que diz respeito à distinção feita, no segundo verbete, em relação à diferença entre estilo e gramática:

[...] como o estilo pode ao mesmo tempo ser “da língua” e ser um desvio? Pelos exemplos, pode-se ver claramente que não se trata de fala, mas da exploração de uma virtualidade da língua (tratar *nada* como um nome e produzir uma diérese no lugar de uma sinérese típica são antes forma de “esticar” a língua do que de violar uma regra). Ou seja: o que parece um desvio (localmente) encontra guarida no sistema da língua. Observe-se que o desvio não se faz em qualquer domínio, mas em alguns quase marginais, como se se violasse localmente uma gramática com o aval do que ela permite (ou até exige) em outro lugar (POSSENTI, 2005, p. 84).

Possenti observa ainda que, embora sendo claramente um seguidor das ideias estilísticas de Charles Bally, é na formulação tripartida de Karl Bühler sobre as funções da linguagem que o autor de *Contribuição à Estilística Portuguesa* se apoia para subdividir a Estilística, exatamente nesta obra citada, em fônica, léxica e sintática, numa obra que se tornou referência para muitos estudos posteriores.

3. A ESTILÍSTICA NOS PRINCÍPIOS DE LINGUÍSTICA GERAL

O que chama mais a atenção, no entanto, é o fato de que, ao nos determos sobre uma de suas principais obras sobre a ciência linguística (CÂMARA JR., 1977 [1941]), percebemos que Câmara Jr. não cuidou do estilo

como uma vertente à parte de seus estudos linguísticos – antes pelo contrário, procurou demonstrar, ainda que dando a César o que é de César, que não se pode tratar da língua somente sob o prisma intelectual, referencial, desprezando sua natureza expressiva. Vejamos, portanto, algumas importantes passagens dessa obra que parecem corroborar nossas teses:

A ESTILÍSTICA é, em essência, a apreensão da emoção, sistematizada nos atos de linguagem, a qual lhes dá um valor estético (gr. *aisthesis* “sensação”, donde “sentimento”). Ortodoxamente, dentro da doutrina de Saussure, a escola suíça do seu discípulo Charles Bally também focaliza a estilística, frisando os aspectos coletivos que nela se contêm. Tanto vale dizer que não há também um sistema estilístico, um “código”, que permite a apreensão dos elementos emocionais de manifestação psíquica e de apelo.

[...] a distinção entre linguística e estilística não é, em última análise, entre língua coletiva e língua individual, mas 1) entre LÍNGUA como sistema comunicativo, destinado, antes de tudo, à representação; e 2) ESTILO ou sistema expressivo, destinado a aí imprimir emoção para servir à manifestação psíquica e ao apelo. Por isso, em relação à obra literária, Middleton Murry define o estilo como “uma concentração de emoção na coisa criada” (CÂMARA JR., 1977 [1941], p. 27).

A passagem a seguir parece ser a prova mais eloquente de que Câmara Jr. concebia os fatos estilísticos como inerentes às próprias ideias saussurianas sobre a linguagem, evocando, por sua vez, uma concepção até certo ponto dialética, formulada por Edward Sapir, de que o estilo se tensiona entre o indivíduo e a coletividade:

O estilo é, em princípio, individual, pois está modelado pelos impulsos de uma psique pessoal; mas os traços estilísticos coincidem, em grande parte, nos indivíduos de uma sociedade linguística, pois ao estilo aplica-se, em particular, a afirmação de Sapir sobre o comportamento individual em face das normas sociais coletivas: “Ficamos muitas vezes sob a impressão de que somos originais, e até aberrantes, quando na realidade estamos meramente repetindo um padrão social com um acento mínimo de originalidade”.

Podemos, portanto, definir a LÍNGUA como sendo – um conjunto sistemático de elementos vocais que no seu simbolismo intelectual servem à representação mental – e o ESTILO como sendo – uma organização secundária (estética) desses elementos para expressarem a emoção nos impulsos de manifestação psíquica e apelo (CÂMARA JR., 1977 [1941], p. 28).

No que respeita, no entanto, às concepções bühlerianas sobre as funções da linguagem, é curioso perceber que elas aparecem já na página 17 dos *Princípios*:

O psicólogo alemão Karl Bühler insiste por isso na FUNÇÃO REPRESENTATIVA (al. *Darstellungsfunktion*), embora depreenda ao lado desta, duas outras funções, não menos importantes: a EXTERIORIZAÇÃO PSÍQUICA (al. *Kundgabe*, ou *Ausdruck*, i. e., “expressão” *stricto sensu*), quando através da linguagem manifestamos o nosso estado de alma, e a ATUAÇÃO SOCIAL ou APELO (al. *Appell*), por meio da qual atuamos sobre o próximo na vida social (Bühler, 1934, 12 ss) [CÂMARA JR., 1977 (1941), p. 17].

E é na *Contribuição à Estilística Portuguesa* (CÂMARA JR., 1978) que, a nosso ver, seu autor explicita de maneira mais sistematizada as ideias saussurianas acerca da linguagem, uma vez que, para Câmara Jr., Ferdinand de Saussure, levando em conta apenas a função representativa da linguagem, acaba por esquecer, acima de tudo, sua função expressiva (além da apelativa, é claro):

A língua, no seu conceito saussuriano, se deduz apenas da função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão ou a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior. Resulta de um trabalho de intuição infrarracional, mas de caráter intelectual, que justamente a gramática se propõe a trazer para o plano da consciência, pondo-lhe em evidência os sistemas de sons, de formas, de significações e de ordenação de elementos, ou sejam – o fônico, o mórfico, o semântico e o sintático.

A redução da linguagem a um de seus aspectos, em que ela é o produto da inteligência intuitiva, simplifica o problema da nossa aproximação científica diante do fenômeno linguístico (CÂMARA JR., 1978, p. 10 – grifo nosso).

Não por acaso, é de outro estudioso da Estilística, Dámaso Alonso, que virá uma das críticas mais célebres e contundentes às concepções linguísticas de Saussure, que, segundo o crítico espanhol, prejudicariam o real entendimento da faceta expressiva da linguagem – mas, nesse caso, o principal alvo das considerações de Alonso será o conceito de signo linguístico conforme proposto no *Curso de Linguística Geral*:

os “significantes” não transmitem “conceitos” e sim delicados complexos funcionais. Um “significante” (uma imagem acústica) emana no falante de uma carga psíquica de tipo complexo, formada geralmente por um conceito (nalguns casos, por vários conceitos; em determinadas condições, por nenhum), por súbitas querenças, por obscuras, profundas sinestésias (visuais, tácteis, auditivas etc., etc.): correspondentemente, esse “significante”, sozinho, mobiliza inumeráveis filamentos do emaranhado psíquico do ouvinte: através deles percebe este a carga contida na imagem acústica. “Significado” é essa carga complexa. De nenhum modo podemos considerar o “significado” num sentido meramente conceitual, senão atentos a todos esses filamentos. Diremos, então, que um significado é sempre complexo, e que dentro dele se pode distinguir uma série de “significados parciais”. Análise parecida do “significante” nos levaria a considerá-lo também como um complexo formado por uma série de “significantes parciais” (ALONSO, 1975, p. 17-18).

4. OBRAS DE MATTOSO CÂMARA JR. QUE VERSARAM SOBRE A ESTILÍSTICA E A EXPRESSIVIDADE DA LINGUAGEM

Segundo levantamento realizado por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, certamente o estudioso mais devotado à obra de Câmara Jr. – tendo sido o responsável pela publicação dos *Dispersos* (UCHÔA, 2004) –, há um número considerável de obras dos mais diversos gêneros, desde cartas até livros – com diversas republicações, adaptações e publicações póstumas –, em que o linguista se dedicou aos estudos estilísticos, ao longo de toda a sua carreira acadêmica, o que parece comprovar fartamente a tese de que, para ele, estudar a faceta estilística da língua era uma tarefa que não se separava, em nenhum momento, do ofício de estudar a linguística *stricto sensu*. Vejamos, portanto, a lista completa de obras dessa natureza arroladas por Uchôa (2004, p. 36-50):

1. A análise literária (súmula). In: *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo, 1 (2): 93-8, 1971. Obs.: Súmula, até então inédita, de uma aula proferida por Mattoso Câmara, em 1960, nos Cursos de Aperfeiçoamento de Ensino Comercial do MEC.
2. A coroa de Rubião. In: *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, INL, 2 (8): 105-9, 1957.
3. A língua literária. In: *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Editorial Sul-América S/A, 1 (1): 101-11, 1955.
4. A rima na poesia brasileira. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula*, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1: 298-333, 1949.
5. Cão e cachorro no Quincas Borba de Machado de Assis. In: *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, 15 (174): 298-302; 15 (175): 56-8 e 15 (176): 72-6, 1941.
6. *Contribuição para uma estilística da língua portuguesa*. Tese apresentada à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil para a livre-docência da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1952. Obs.: Na oportunidade, o autor fez uma pequena edição de 150 exemplares. Em 1953, com o título *Contribuição à estilística portuguesa*, sai, "revista e um pouco ampliada", a 2ª edição desta obra, pela Organização Simões, Rio de Janeiro (Coleção Rex).
7. Da Mofina Mendes ao Padre Mendes. In: *Verbum*, Rio de Janeiro, Universidade Católica do Rio de Janeiro, 4 (10): 503-506, 1953.
8. Ensaio machadianos (*Língua e estilo*). Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1962 (Rumos).
9. Imperfect Rhymes in Brazilian Poetry. In: *Word* (Journal of the Linguistic Circle of New York), New York, 2 (2): 131-5, 1946.
10. Machado de Assis e 'O Corvo' de Edgard Allan Pöe. In: *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, INL, 3 (11): 101-9, 1958.
11. O coloquialismo de Machado de Assis. In: *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 6 (1): 33-42, 1961.
12. O estilo indireto livre em Machado de Assis. In: *Miscelânea de estudos em honra de Antenor nascentes*, Rio de Janeiro, 1941, p. 19-30.
13. O verso romântico. In: *A literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Editorial Sul-América S/A, 1 (2): 602-12, 1955.
14. Para uma estilística estrutura. In: *Lengua-Literatura-Folklore* (Estúdios Dedicados a Rodolfo Oroz), Faculdade de Filosofia Y Educación, Universidad de Chile, 1967, p. 291-299.
15. Quincas Borba e o humanitismo. In: *Boletim de Filologia*, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 2 (7): 131-8, 1947.
16. Recensão Crítica: Alonso Zamora Vicente – Las sonatas de Valle Inclán. In: *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 2 (1): 102-6, 1956.
17. Resenha: M. Rodrigues Lapa – Estilística da língua portuguesa. In: *Boletim de Filologia*, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1 (4): 223-6, 1946.

18. Resenha; Aurélio Buarque de Hollanda – Edição crítica de Contos gauchescos e lendas do Sul de J. Simões Lopes. In: *Boletim de Filologia*, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 3 (10): 123-7, 1949.
19. Um caso de colocação. In: *Estudos Filológicos* (Homenagem a Serafim da Silva Neto), Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 101-6, 1967.
20. Um soneto de Machado de Assis. In: *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, INL, 2 (5): 69-73, 1957.
21. *Uma forma verbal portuguesa: estudo estilístico-gramatical*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda nas palavras de Uchôa (2004, p. 23-24),

para Mattoso Câmara, o “discurso”, sendo “a enunciação vocal integralmente considerada”, não se pode [sic] ser associada, “longe sequer”, como querem alguns, com o “estilo”. Este “também pertence à língua, pois é um sistema simbólico que transponta do discurso. Em que se distingue então da “língua” considerada por Saussure”? Para ele, esta resposta está “na conceituação das funções essenciais da linguagem”, firmadas por Karl Bühler. “A solução para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectual da língua é que está na base do estilo, em última análise”.

O discípulo de Saussure nos lembra, então, que, nas palavras de seu mestre, “chega-se assim à conclusão de que se deve caracterizar o estilo – não pelo contraste individual em face do que é coletivo, mas sim pelo contraste emocional em face do que é intelectual”, e de que “o papel da estilística é depreender todos os processos lingüísticos que permitem a atuação da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem intelectual” (CÂMARA JR. *apud* UCHÔA, 2004, p. 24).

Uchôa lembra ainda que, mesmo em obras dedicadas a fatos gramaticais bastante formais, como é o caso de *Uma forma verbal portuguesa*, dedicada aos empregos do morfema -ria, são muitos os casos em que Câmara Jr. remete aos usos estilísticos dessa forma, o que faz confirmar, nas próprias palavras de Uchôa, a concepção mattosiana de que o estudo do estilo é – ou deveria ser – constitutivo dos estudos linguísticos, bastando, para isso, considerar os usos expressivos da linguagem em contraposição aos seus usos referenciais – mesmo levando em conta o fato óbvio de que, em qualquer manifestação da língua, a função referencial necessariamente se apresentará em primeiro plano, uma vez que não há linguagem sem referência.

Como pedra de toque deste breve artigo, vale a pena chamar a atenção para uma ligeira passagem que, certamente, tem passado despercebida de muitos: no texto introdutório, a respeito dos primeiros estudos de Joaquim Mattoso Câmara Jr., afirma Uchôa (2004, p. 15) que ele

fez os seus estudos primários e secundários com professores particulares, submetendo-se ao regime de exames parcelados no Colégio Pedro II. Ao Professor Jônatas Serrano coube o principal encargo de orientar, nessa fase, os seus estudos, **levando-o inclusive a colaborar muito cedo com poesias** e traduções poéticas na Revista Social, dirigida por aquele educador (grifo nosso).

Ou seja, comprovando a velha e conhecida tese de que toda carreira científica, política, filosófica etc. nasce de uma paixão, verificamos que o autor da *Contribuição à Estilística Portuguesa* se dedicou, nos primeiros anos de sua curta existência, à escrita e à tradução de poemas, escritos que não sabemos se sobreviveram ao tempo ou ao próprio rigor com que o autor deve tê-los julgado posteriormente – mas quem nunca?

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Dámaso. **Poesia espanhola**: ensaio de métodos e limites estilísticos. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960. Madrid: Catedra, 1975.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977 [1941].
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Ensaio machadiano**: língua e estilo. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- POSSENTI, Sírio. Notas sobre a estilística de Mattoso Câmara. **Revista Estudos da Língua(gem)**, v. 2, n. 1, p. 79-93, dez. 2005.
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.